



Não seguir a linearidade, mas percorrer bifurcações

entrevista com Philippe Willemart

Por Carla Cavalcanti e Silva / Universidade de São Paulo e
Alexandre Bebiano / Universidade de São Paulo

manuscrita

NOSSA CONVERSA COM Philippe Willemart ocorreu na tarde do dia 25 de maio, terça-feira, na casa do entrevistado. Com a mesma polidez que demonstra no trato acadêmico, Willemart nos apresentou seu ambiente de trabalho e sua biblioteca. Perguntou se preferíamos realizar a entrevista no escritório ou na sala. Escolhida esta, ofereceu-nos ainda os famosos biscoitos belgas, “speculoos”, para começarmos a conversa, que se alongou por quase duas horas.

A proposta era determinar a trajetória do entrevistado em torno de seus projetos, inclinações e afinidades intelectuais, com o intuito de render uma homenagem a um dos pioneiros em crítica genética no Brasil. Assim, não dirigimos a conversa para temas e conceitos teóricos, mas para sua trajetória enquanto pesquisador. Seja como for, Willemart, esse ser de fuga, que oscila entre “o autor, o homem, o pesquisador, o ser falante, o ser científico”, conforme diz ele em seu “Memorial acadêmico”, não se fez de rogado; embora



respondesse com o máximo de precisão às perguntas, insistia nas pausas, nos silêncios para o diálogo. De tempos em tempos, voltava para nós mesmos a pergunta que lhe tínhamos dirigido, não só confundindo os papéis previstos, mas também rompendo a moldura esperada para uma entrevista. O resultado foi uma conversa em que o acaso teve lá seu papel – e lamentamos apenas que a transcrição para a página não consiga refletir a vivacidade e a disposição para o diálogo de nosso entrevistado.

Mas o incerto, como os leitores poderão comprovar, virou também tema da conversa. Afinal, Willemart carregou as tintas no papel do acaso para sua formação. Para contrabalançar essa aparência de casualidade, somos obrigados a confessar que o entrevistado faz parte daquela geração de pesquisadores disciplinados, que trabalham com fichas e fichários, que respondem às mensagens quase imediatamente e jamais se demoram a cumprir seus compromissos. Isso aparece na produção científica e nas atividades de pesquisa de Willemart, que possui mais de dez livros publicados na área de literatura e crítica genética, e dirige atualmente o Núcleo de Apoio à Pesquisa em Crítica Genética (NAPCG), o Laboratório do Manuscrito Literário (FFLCH – USP), assim como o projeto temático “Brepols brasileiro”, financiado pela FAPESP.

Alexandre Bebiano: De onde vem essa capacidade de fomentar a pesquisa, de conseguir com que as pessoas desenvolvam projetos em conjunto, de estimular a atividade científica?

Philippe Willemart: É difícil dizer e deve ter várias origens: o meio familiar e escolar, a formação paralela nos movimentos de juventude e a atuação como monitor, coordenador ou chefe nesses movimentos. Mas lembro que desde os 22 anos me interessava por tudo que se relacionava com dinâmica de grupo, via Lacan. Frequentei um seminário em Bruxelas, onde realizávamos sessões de dinâmica de grupo todas as quartas-feiras. Não havia um tema para as dinâmicas: o grupo se baseava na não-diretividade, não havia, pois, nenhuma imposição de conteúdo. A base psicológica disso era Carl Rogers, um psicólogo americano que desenvolveu uma terapia baseada na empatia. Aprendíamos aí a olhar, ouvir, dirigir, contar com o outro e não somente consigo mesmo. Foram nessas dinâmicas que aprendi a contar com os outros. E talvez tenha sido ali que desenvolvi essa inclinação para o trabalho em grupo. Acredito tanto nesse tipo de trabalho que tentei aplicá-lo até mesmo em sala de aula.



Phillippe Willemart em 1966

Carla Cavalcanti: Como ocorreu sua formação universitária?

Philippe Willemart: O contato com os grupos de não-diretividade se deu entre 1964 e 1966, após minha formação no Seminário de Filosofia em Floreffe (Namur) e em teologia na Universidade Católica de Louvain (UCL), de 1958 a 1964. O Colégio para a América Latina, onde fiquei, oferecia uma formação complementar em língua, história e cultura da América Latina para que visitássemos a América do Sul. Mas por que emigrar para lá? Por vários motivos. Nos anos 60, a atuação de John Kennedy e do Papa João XXIII favoreciam um clima de ajuda aos países de terceiro mundo. Havia também certo apoio dos governos francês e belga, por meio de uma nova lei, a lei de cooperação: de acordo com essa lei, os jovens que houvessem passado dois anos num país de terceiro mundo seriam dispensados do serviço militar obrigatório. Influenciados por esse clima, muitos companheiros meus de faculdade emigraram também. Nosso herói era Fidel Castro, uma figura que representava então uma esperança. Eu queria coisas diferentes, porque a Bélgica, contando com um dos melhores sistemas de bem-estar social da Europa, era – e é até hoje – um país assentado, de poucas esperanças, que não anima os jovens. Ora, sempre tive vontade de conhecer o que é novo. Chegando aqui, comecei a trabalhar com alfabetização na periferia. Com meu pobre português, inventei um método de alfabetização e tentei aplicar esse método junto às crianças da Vila Ré. Havia outros colegas trabalhando comigo, mas o método – os dispositivos, as atividades,

os exercícios – desenvolvia sozinho. O Brasil, mesmo enfrentando a ditadura, passava por experiências interessantes, como os festivais da Record, em 1967, que conseguiam empolgar a classe média, pelo menos, e traduziam os sentimentos de muitos. Decidido a ficar no Brasil e livre das obrigações militares, tinha de procurar emprego. Em 1969, ingressei na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, beneficiando-me de uma lei que permite aos titulares de um curso universitário ingressar sem vestibular em outro curso em que haja vagas. Entrei em hebraico, e, após dois anos, passei para o francês, onde fui bem recebido por Albert Audubert, o responsável pela cátedra, mestre terrível e temido por todos. Era um momento difícil para a Faculdade, que havia se mudado para os barracões do campus da Cidade Universitária, já que o prédio da Maria Antônia tinha sido fechado. Vivíamos o império dos catedráticos: eles decidiam quem entrava, pois não havia concursos. Reconhecido pelos professores como bom aluno, fui aceito como docente voluntário pelo professor Vítor Ramos, que sucedeu a Audubert. Este teve de voltar para a França após doze anos de Brasil. E devo prestar homenagem aqui a Albert Audubert, por sua incrível capacidade de obter bolsas do Governo Francês para muitos estudantes, hoje professores da USP, Unicamp e Unesp, realizarem seu doutorado na França e poderem divulgar a cultura francesa no Brasil. Hoje, a situação do financiamento se inverteu, graças aos recursos de que dispomos na Fapesp, Capes e CNPq, e ao fato de que o governo francês cortou verbas para a pesquisa. Vítor Ramos era

português e tinha fundado um jornal – *Portugal democrático* – para defender a guerrilha nas colônias. Após a Revolução dos Cravos e a queda de Salazar, foi nomeado embaixador de Portugal no Brasil. Infelizmente, ele não suportou essa alegria e faleceu; Italo Caroni assumiu, neste momento, a direção do curso.

C. C.: De que maneira ocorreu a descoberta de Lacan e da psicanálise?

P. W.: Comecei a ler os *Écrits* de Lacan em 1966, graças aos seminários de não-diretividade dirigidos por Daniel Lebon. Este, juntamente com André de Peretti e Max Pagès, desenvolveram e ampliaram a ideia de não-diretividade como proposta pedagógica. A ideia foi inspirada no psicólogo americano Carl Rogers, que projetava um novo perfil de professor: “de maître à penser, l’enseignant devient facilitateur d’apprentissage”. Ainda hoje leio os *Écrits* nesta primeira edição que adquiri há 44 anos. Naquela época falava-se bastante de Lacan e estudei com afinco seus textos. Isso me ajudou mais tarde, no momento em que defendi minha tese, na qual sugeri e apliquei um método de leitura relacionando literatura e psicanálise. Após a defesa da tese, fui convidado a participar do Centro de Estudos Freudianos de São Paulo (CEF), dirigido pelo Luiz Carlos Nogueira, professor do Instituto de Psicologia da USP, hoje falecido. No CEF estudávamos sistematicamente Lacan, lendo e comentando linha por linha os *Écrits*. Participei do centro de 1977 a 1979. Neste momento, doze membros saíram da CEF e formaram outra instituição, a Escola Freu-

diana de São Paulo (EFSP), da qual fui membro de 1979 a 1984. Publicávamos uma revista anual *Freud-Lacanianos* e tínhamos seminários de estudo regulares. Devo dizer que, antes de ingressar no CEF, de 1969 a 1972, fui analisante do jungiano Léon Bonaventure. Foi uma boa experiência conhecer uma linha diferente da freudiana. Ainda guardo os sonhos dessa época, que anotava ou que registrava em áudio, de manhã ou durante a noite mesmo. Qualquer dia vou reler tudo isso e certamente rir do Philippe que fui naqueles anos. Além da formação no CEF e na EFSP, fiz (“une tranche d’analyse”) uma parte da minha formação em Paris, em 1981 e 1982, como membro do “Centre de Formation et de Recherche Psychanalytique”. Como psicanalista, passei a proferir conferências e seminários relacionando literatura e psicanálise, e mantive por certo tempo um consultório, que fechei antes de viajar para a França em 1989. A verdade é que o atendimento dos pacientes demandava muita atenção. De resto, era complicado conciliar as atividades de pesquisador com as de psicanalista. Assim, distanciei-me pouco a pouco dos grupos de psicanálise. Hoje participo eventualmente de atividades propostas pelo *Fórum do Campo Laciano*, mas não de maneira tão próxima como antes.

A. B.: Como você se voltou para a pesquisa em crítica genética?

P. W.: Por acaso ou pelo conjunto de circunstâncias imprevisíveis. Em 1981, obtive uma bolsa de “pós-doc” do CNPq para realizar uma pesquisa em torno do tema

“literatura e psicanálise”, sob a supervisão de Jean Bellemin-Noël, professor da Universidade de Paris VIII e pesquisador vinculado ao ITEM. Embarquei com minha esposa, Sueli, que se afastou do ensino, e com meus dois filhos, de 3 e 5 anos. Bellemin-Noël ficou na história da crítica genética por ter criado o termo de “avant-texte” (traduzido por Élide Valarini, aluna de pós-graduação à época, por “prototexto”), embora seja mais conhecido pela abordagem da literatura via psicanálise e pela expressão “inconsciente do texto”. Chegando a Paris, Jean me disse: “há aqui um dossiê quase virgem”; eram os manuscritos de “Hérodias”. Nesse momento ingressei na crítica genética, esquecendo o plano inicial de pesquisa. Decifrei então os cem fólios que compunham o primeiro capítulo, composto por cerca de dez páginas, desse conto escrito por Flaubert. Esse primeiro contato foi difícil. Passei por um ano de trabalho árduo. Diariamente ia para a sala da equipe “Flaubert” do ITEM, organizado pela excelente documentalista Odile de Guidis, situada em frente da Biblioteca Nacional da França, na rua Richelieu. Voltei com filhos falando francês fluentemente – é um dos excelentes resultados dessa estadia –, e tratei de divulgar os resultados de minha pesquisa. A transcrição diplomática dos manuscritos de “Hérodias” foi publicada pela Faculdade de Filosofia da USP em 1984, graças ao professor Gabriel Cohn, presidente da Comissão responsável pelas publicações na época. Giovanni Bonaccorso, que havia feito uma transcrição dos manuscritos de *Un coeur simple*, convidou-me para algumas conferências em Messina,

Dossiê: Entrevista

na Itália. Mas, como divergíamos em muitos pontos – seu método de transcrição era de difícil leitura –, não houve muito diálogo entre nós. Como estudioso de Flaubert, pronunciei várias conferências no ITEM e participei de alguns encontros. O mais famoso deles foi na cidade de Bellagio, junto ao lago Como, na Itália, quando encontrei vários geneticistas ingleses e canadenses, entre outros, Brian Fichte, que me propôs mais tarde a coordenação de um número da revista *Texte*, editada pelo departamento de Francês de Toronto.

De volta ao Brasil em 1983, após esse meu primeiro contato com a crítica genética, quis não só divulgar, mas desenvolver o que tinha aprendido na França. Ofereci uma disciplina de pós-graduação, em que Sônia Van Dijck e Gilberto Passos foram alunos. Em seguida, conversei com colegas, entre outros, Telê Ancona Lopez e Roberto Brandão, e propus a realização do primeiro congresso de crítica genética no Brasil. Com o auxílio da Fapesp, convidamos Louis Hay, um dos fundadores do ITEM, e Raymonde Debray-Genette, estudiosa de Flaubert, para participarem do Congresso. Como ela não pôde vir, Jacques Neefs a substituiu.

O Congresso foi realizado em 1985 e obteve sucesso; assim, após responderem um questionário, os participantes, entusiasmados, decidiram fundar a Associação de Pesquisadores do Manuscrito Literário (APML), que se tornará, em 2006, a Associação de Pesquisadores em Crítica Genética (APCG). No Brasil, até esse momento, existia apenas pesquisa de crítica

textual, não de crítica genética. Lembro que escrevi então para o suplemento literário da *Folha de São Paulo* vários artigos sobre a crítica genética e que tive “a honra” de provocar Paulo Francis, jornalista essencialmente polêmico, porque ele não compreendia a nova abordagem. Outra repercussão desse primeiro encontro foi a criação de dois convênios: um pelo CNRS com Louis Hay, e outro pela Universidade de Paris VIII com Jacques Neefs. A Comissão de convênios internacionais da Reitoria (CCInt) acabava de ser criada pelo reitor Goldenberg. Como dispunha de bastantes recursos, ela apoiou muito os convênios; no quadro desses acordos, vários colegas de literatura francesa foram lecionar em Paris, enquanto colegas da universidade de Paris VIII - Jean Bellemin-Noël, Claude Duchet, Eric Marty, Jean Marie-Claire Ropars, Jean Verrier - vieram oferecer cursos de pós-graduação aqui.

C. C.: E como você passou de Flaubert para Proust?

P. W.: Foi uma longa história, que posso tentar resumir. Tinha publicado um artigo em 1993, “La jouissance singulière de Swann et la petite phrase de Vinteuil”, do qual gosto até hoje, em *Littérature*, revista organizada pela Universidade de Paris VIII, e que, mais tarde, foi incluído em *Proust, poeta e psicanalista*. Manifestava desde aí meu compromisso e minha dedicação à escritura proustiana. Mas o fiel da balança foi uma orientanda [Lília Ledon] que estudava um manuscrito inédito de *Les vices et les vertus de Padoue et de Combray* e que, após uma estadia no ITEM decifrando vários fólhos do caderno 21, abandonou a

pesquisa, deixando-me quase todo seu material. Assim, em 1997, após o Colóquio de Cerisy sobre Proust, no qual travei conhecimento com pesquisadores do mundo inteiro, passei a me dedicar exclusivamente a seus manuscritos como membro da equipe “Proust”, dirigida então por Bernard Brun.

C. C.: A fundação do Núcleo à Pesquisa em Crítica Genética (NAPCG) ocorreu logo após a realização do congresso de 1985?

P. W.: Na verdade, houve ainda uma longa travessia até chegar à criação da NAPCG. E posso dizer isso apenas retrospectivamente, pois não sei se o fiz por isso, mas hoje acho que duas forças me empurraram a solicitar a criação do NAP. A primeira decorreu da constatação que o Departamento de Letras Modernas não estava estruturado para favorecer uma pesquisa interunidade e independente, pois tinha dirigido o DLM por dois anos e conhecia as dificuldades para aliar pesquisa e ensino no interior de um ambiente dominado pela política e por uma ideologia de amigos. Como coordenador da área de francês, propus a criação de um departamento de francês e, mais tarde, de um departamento franco-alemão, mas esses projetos não vingaram. A segunda força decorre da criação do Labô. Em 1997, se não me engano, Conceição Bento, orientanda, veio se queixar que se sentia só na pesquisa e propus reunir os orientandos num grupo para debater os textos lidos. Foi fundado então o Laboratório do Manuscrito Literário. Sem endereço nem secretária, funcionávamos unicamente na base de

debates num sistema de co-orientação em qualquer local. Nunca tentei que o Labô seja reconhecido oficialmente, talvez fosse um erro. Tínhamos (e temos ainda já que o Labô continua funcionando) reuniões mensais estudando textos de Lacan principalmente, de outros críticos e dos próprios membros; na segunda parte da reunião, cada um expõe as dificuldades encontradas na pesquisa. O debate, a leitura e as defesas das pré-teses reforçavam os laços entre os membros, até que o Labô virou uma verdadeira escola doutoral e chegou a formar vários colegas, hoje professores na USP, em Federais e outras universidades.

Neste momento, além do Labô, havia dois grupos de crítica genética em São Paulo. Telê Ancona Lopez tinha um grupo centrado na pesquisa sobre Mário de Andrade no IEB-USP; Cecília Almeida Salles, um grupo na PUC-SP, abrindo o campo da crítica genética para as artes e as mídias. Eu sabia da vantagem dos NAPs criados pela Reitoria Goldenberg, que ligados à Pró-Reitoria de Pesquisa, eram independentes dos departamentos que, com sua estrutura administrativa, não podia cobrir nem representar o que fazíamos. Pensei juntar os grupos oficialmente e solicitei a criação do NAPCG à Pró-Reitoria de Pesquisa em 1998. Foi aprovada a criação pelo Conselho Universitário em 1999, por decreto do reitor Jacques Marcovitch. No começo, as três equipes tinham como atividades as jornadas semestrais, a fabricação de livro ou de número de revistas; hoje, com oito equipes de diversas instituições e de Estados diferentes (Espírito Santo, Bahia e Rio Grande do Sul), a função do NAPCG mudou e

consiste mais na coordenação das equipes e no apoio científico à realização dos congressos da APCG.



Entre geneticistas no IX Encontro do APCG, em Vitória.

Estou feliz de ver uma linha de pesquisa que saiu de um dossiê de Flaubert se expandindo e atingindo a pesquisa no Brasil. O professor Alfredo Bosi, certa vez, me agradeceu muito por esse novo campo de pesquisa aberto no Brasil e pelo que trouxe para a pesquisa literária brasileira.

Outro ponto que gostaria de lembrar é o convênio criado entre o ITEM e a APML, via USP, desde 1987. Ele permitiu o intercâmbio de numerosos pesquisadores franceses e brasileiros da USP e de outras universidades (doutorandos e doutores), até o momento em que o CNRS, órgão que sustentava os recursos do ITEM, decidiu rompê-lo. Com Telê Ancona Lopez, que me sucedeu na coordenação da APML, tentamos renovar várias vezes esse convênio: o CNPq sempre o

aprovava, mas não o CNRS. Então imaginei outro projeto para favorecer o intercâmbio entre os dois países. Por meio do NAPCG, submeti à análise da Fapesp o projeto “Brépols brasileiro” – decifração e transcrição dos cadernos proustianos – que, além de ser aprovado, permitiu efetivar um novo convênio com o ITEM. Limitado à equipe “Proust”, esse convênio pode ser estendido a outros geneticistas, mas termina infelizmente em março de 2011.

A. B.: Quanto à docência, como ensinar literatura francesa hoje?

P. W.: A visão dos técnicos é a de que a literatura deve ser deixada de lado, ou ser utilizada, no limite, como *meio* para a aprendizagem da língua, mas essa é uma visão estreita que não deve ser a nossa. Muito da cultura brasileira se relaciona com a cultura francesa. No trabalho de docência, busco levantar os pontos de contato que os alunos possuem de modo elementar com a França, num âmbito simbólico mais amplo. Claro que hoje o inglês tem a preferência de boa parte dos estudantes, e o espanhol vai ganhando importância. De toda forma, pelo que percebo, muitos alunos escolhem a habilitação em francês pela força que essa cultura possui. Eles não pensam necessariamente em exercer alguma profissão vinculada ao uso da língua, mas têm a intenção de enriquecer seu horizonte cultural. Defendo assim que o ensino de literatura se desenvolva como uma atividade simbólica inacabada. Pergunto-me de que maneira apresentar aos alunos o fracasso, que será mais lembrado do que o sucesso, de

que maneira suscitar neles sua pulsão de morte, uma das forças de nossa vida. Lidar com a noção de fracasso faz parte do trabalho do professor, que deve buscar – dentro de seus limites, é claro – uma postura não-diretiva. É o que tento fazer: uma pedagogia negativa. O princípio fundamental dessa proposta está na postura, que tende à passividade, na atitude de escuta, que procura suscitar nos alunos “a descoberta de seu *self*”, como dizia Carl Rogers. Sempre procurei fazer com que o aluno descobrisse o que ele próprio deseja, evitando que a vontade do professor prevalecesse. Gostei assim do trabalho que desenvolvi nas aulas de “Teatro francês”, em que os alunos deviam sentir o texto no próprio corpo, pela encenação. Este é o meu princípio pedagógico: os alunos devem desenvolver eles próprios seus trabalhos, e levar a cabo suas pesquisas. É o método que usei para formar meus orientandos e transformá-los em pesquisadores capazes de desenvolver seu trabalho com autonomia. O resultado disso é uma transmissão recíproca; aprendo muito com os trabalhos de orientação.

C. C.: Desde nosso primeiro contato, pude perceber essa sua atitude de escuta em frente ao outro. Impressionou-me desde o início sua relação com os orientandos – sua postura de deixar o outro se exprimir, de escutar o que ele quer dizer.

P. W.: No fundo, essa postura é semelhante à do psicanalista, que trabalha “escutando” o outro.

A. B.: Uma palavra sobre os projetos atuais. Você se dedica a estudar um autor belga contemporâneo?

P. W.: Continuo estudando os manuscritos de Proust e pretendo ainda publicar uma leitura de *A l'ombre des jeunes filles en fleurs*, provavelmente no ano que vem, mas entrei de fato em outro universo com a obra de Henry Bauchau. A descoberta foi por acaso. Comprei um livro dele, *Oedipe sur la route*, por recomendação de um amigo e gostei muito. Trata-se de um psicanalista que começou a escrever aos cinquenta anos e, atualmente com 97 anos, continua escrevendo. Ele depositou uma parte de seus manuscritos nos “Archives et Musée de la littérature”, situado em Bruxelas, e outra parte no “Centre Erasme”, da Universidade de Louvain-la-Neuve. Terei a chance de descobrir os manuscritos de seu último livro, *Le déluge*, em setembro deste ano e, se ainda tiver tempo, poderei estudar as versões de *Oedipe sur la route*. Trata-se de um novo terreno – espero que seja fértil! – e de uma ocasião para reencontrar meu país, do ponto de vista acadêmico!

C. C.: No seu memorial, você propõe distinguir o indivíduo e o autor de textos. Mas, ao realizar isso, você não acaba criando uma ficção, projetando um *eu* e um *ele*? Haveria então o autor, o homem, o pesquisador, o ser falante, o ser científico?

P. W.: Pauto-me por não seguir a linearidade, mas percorrer bifurcações. A pessoa que escreve sobre si não é a mesma que viveu aquilo que está sendo escrito. A autobiografia se torna autoficção e, por mais que eu me polície, certamente acontece o mesmo nesta entre-

vista. A sociedade gostaria que cada um mantivesse a mesma identidade a vida toda, mas isso não é possível. Entendo que todos somos indivíduos, que temos um corpo, mas temos a capacidade virtual de operar uma divisão interna. Trata-se de uma maneira de compreendermos melhor nossas próprias ações e nós mesmos, visto que a personagem do meu relato, o “eu” daquela época, de fato, não existe mais, *dixit Proust*. A tentativa de nos situar inteiramente no “eu” é derivada de uma força que quer nos governar, nos definir em torno de uma identidade, o que a psicanálise define em termos de inconsciente essencialmente móvel e submetida ao gozo.

Acredito que muito do que fiz se deu por acaso. O aprendizado – a nossa formação – não se dá de uma vez, mas por meio de saltos e pulos, como escreve Lacan em *O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. Encontraremos um ou vários fios condutores “só depois”, admitidas as bifurcações do acaso. Assim, detecto pelo menos três fios na minha vida acadêmica. 1. As instituições – ou o simbólico (no sentido lacaniano da palavra) – que ajudei a criar, embora nada fosse planejado e programado de antemão (elas decorreram assim de situações que me incentivaram a propor ou apoiar sua criação): a APCG, o Labô (Laboratório de Manuscritos literários), o NAPCG e o Centro de Estudos Proustianos. 2. A não-diretividade, uma das linhas adotadas nas relações com analisandos, colegas, alunos e outros, o que é muito claro para mim após esta entrevista. 3. O crítico, que tenta entender os processos de escritura e traduz essa reflexão nos livros escritos. Mas

esses fios se entrelaçam, se chocam e provocam reações que, como as ondas, varrem o estabelecido, propõem novidades e suscitam em mim e nos outros, atitudes criativas traduzidas em encenações, livros, artigos, teses e dissertações. Não sei se vocês, Carla e Alexandre, concordam com isso. Isso é, ao menos, o meu fantasma e, dificilmente, escaparei dele.

Dossiê: Entrevista